

---

## O ENSINO-APRENDIZAGEM NA PANDEMIA DE COVID-19: Um olhar quantitativo sobre os condicionantes da educação nesse período<sup>1</sup>

Renata Cristina Freire Corrêa<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

### RESUMO

Durante a pandemia de Covid-19, a interface entre a comunicação e a educação tornou-se central para o processo de ensino-aprendizagem nos períodos de isolamento. Para pensar sobre o impacto desse momento no ensino-aprendizagem, nos parece interessante compreender alguns de seus condicionantes no Brasil. O texto busca compreender, através de dados quantitativos, algumas pistas sobre como diferentes contextos podem ter impactado o processo educacional em relação às suas articulações com as Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC). Com esse propósito, foi realizada a análise dos resultados de algumas pesquisas quantitativas realizadas por institutos de pesquisa e pelo Ministério da Educação, abordando dados sobre a estrutura das escolas, os domicílios e, finalmente, sobre os estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Educação; Cognição; Tecnologia; Pandemia.

### INTRODUÇÃO

Durante o período de isolamento decorrente da pandemia de Covid-19, a interface entre a comunicação e a educação tornou-se central para o processo de ensino-aprendizagem. As escolas experimentaram soluções e arranjos variados para lidar com os diferentes momentos da pandemia, como o ensino emergencial remoto e também momentos de ensino híbrido. Nesse cenário, a educação tornou-se uma atividade necessariamente mediada. A dimensão comunicacional foi central na medida em que o trabalho, a educação e o convívio passaram a ser intensamente mediados pelas tecnologias de informação e comunicação – o que traz para a pesquisa em comunicação uma série de novas questões ou, no mínimo, novos olhares para questões que já estavam em curso.

Trata-se de compreender processos humanos – lidos obrigatoriamente numa perspectiva comunicacional – que nos cenários contemporâneos recrudescerão temas e abordagens inovadoras. O mundo da pandemia de Covid-19 enseja reflexões nas quais a perspectiva comunicacional ganha destaque para explicar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Educação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, e-mail: renatacfc@gmail.com.

---

cenários, práticas e processos ainda como uma miríade de olhares.  
(BARBOSA, 2021, p.11)

O ensino remoto e o ensino híbrido trouxeram uma série de questões que vêm sendo tematizadas pelos pesquisadores da comunicação e da educação<sup>3</sup>. Em alguma medida, esse momento acelerou processos que eram mencionados como parte da “educação do futuro” e, por outro lado, explicitou desigualdades preexistentes. Ao longo do período, matérias jornalísticas abordaram a situação com relatos de alunos que não conseguiam assistir às aulas por não terem acesso à internet; professores que tiveram que aprender como gravar e transmitir suas aulas; iniciativas criativas de educadores e diversas outras situações num país extenso e heterogêneo como o Brasil.

O Brasil foi desafiado no que se refere às transformações educacionais devido à pandemia. A educação teve que tomar medidas emergenciais, imediatas para suprir a falta de aulas presenciais. O ensino remoto como única medida possível se intensificou como estratégia didática na escola, criando inovações na educação. O CNE (Conselho Nacional de Educação) do Ministério da Educação (Brasil, 2020, Resolução n.2/2020), concordando com a Unesco, trouxe flexibilidade para reorganização das atividades escolares, assim muitas instituições escolares, de acordo com cada especificidade, permitindo aulas em horários e dias diferenciados, inclusive aos sábados e durante as férias. (BUZONI; CARNEIRO; VILAS-BOAS, 2021, p.34)

Para pensar sobre esse momento em relação ao ensino-aprendizagem e às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nos parece interessante compreender alguns condicionantes do contexto: que Brasil foi esse que chegou à pandemia? Para tratar dessa temática devemos considerar as implicações dos componentes estruturais e socioeconômicos na forma como escolas, estudantes e educadores atravessarem esse momento. Assim, temos como objetivo a caracterização de algumas dessas condições e do acesso às TIC através da análise de resultados de algumas pesquisas quantitativas<sup>4</sup> realizadas por institutos de pesquisa e pelo Ministério da Educação.

---

<sup>3</sup> Nas edições anteriores do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 2020 a 2022, diversos pesquisadores apresentaram abordagens variadas sobre essa temática no âmbito do Grupo de Pesquisa – Comunicação e Educação.

<sup>4</sup> O presente texto faz parte de uma pesquisa de doutorado atualmente em curso na qual se vislumbra uma triangulação metodológica. Com o objetivo de abordar diferentes ângulos sobre a comunicação e a educação no contexto da pandemia, realizaremos, na pesquisa do doutorado, uma estratégia de triangulação combinando abordagens metodológicas de natureza quantitativa e qualitativa.

---

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partimos da hipótese de que alguns aspectos da heterogeneidade preexistente no Brasil podem ter condicionado a experiência de estudantes e educadores nesse contexto. Assim, buscamos três eixos principais nesta análise, no que se refere às TIC: os dados sobre a estrutura das escolas; as informações sobre as condições dos domicílios e, finalmente, os dados sobre os estudantes. O que dizem os números? O que dizem as pesquisas sobre educação? Quem pode se conectar? De que modo?

Conforme detalharemos mais à frente, analisamos diferentes edições das pesquisas elencadas para avaliar o período imediatamente anterior à pandemia, o desenrolar de seu período mais crítico e, quando possível, informações mais recentes, posteriores ao retorno às aulas presenciais para perseguir um olhar sobre o antes, o durante e o depois do período de isolamento.

Não pretendemos com essa análise um olhar definitivo sobre o fenômeno. Um olhar quantitativo é uma possibilidade de compreensão desse contexto; não é a única nem é a definitiva. Propomos aqui um olhar geral, um panorama, com a expectativa de que, em outro momento, outras pesquisas possam ser realizadas, buscando integrar essa visão quantitativa a outros olhares, com perspectivas locais e métodos qualitativos de coleta.

A premissa básica de integração repousa na ideia de que os limites de um método poderão ser contrabalançados pelo alcance do outro. Os métodos qualitativos e quantitativos, nesta perspectiva, deixam de ser percebidos como opostos para serem vistos como complementares. (GOLDENBERG, 2004, p. 63)

## FUNDAMENTAÇÃO

Com a complexidade que envolve o ensino-aprendizagem acoplado ao ambiente midiático, durante a pandemia de Covid-19, buscamos nos inserir nas discussões relativas à interface entre a comunicação e à educação nesse período. (FIUZA, MARTINI e SARTORI, 2021; BUZONI, CARNEIRO e VILAS-BOAS, 2021)

E faremos nossa análise à luz de um entendimento do processo cognitivo como necessariamente imbricado a fatores corporais, materiais, afetivos e sociais. (REGIS, 2020 e 2022). Ampliando-se o entendimento sobre o processo cognitivo, destaca-se que conhecer e atuar no mundo não se trata apenas de uma função racional, unicamente

---

realizada no cérebro. São processos que se dão com a mente, o corpo, as interações sociais e os objetos técnicos.

Nesse sentido, fortalece-se a importância de compreender aspectos materiais desse momento que possam ter implicado em experiências diversas para estudantes e educadores.

## ANÁLISE

### 1- SOBRE AS ESCOLAS

A estrutura e o uso das tecnologias de comunicação que as escolas detinham ou não desde antes da pandemia pode ter influenciado na forma como elas atravessaram esse período. Para abordar algumas informações sobre a estrutura das escolas em relação às TIC, analisamos algumas informações do Censo Escolar da Educação Básica relativas ao ano de 2020 e 2021. Trata-se de uma pesquisa realizada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) articulado com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Todos os estabelecimentos públicos e privados de educação básica do país são obrigados a responder. Assim, devemos ter em mente ao analisar os seus resultados que estes tratam de todo esse universo de escolas.

Além disso, especificamente em 2020, houve uma alteração na data de referência da pesquisa. Tradicionalmente, ela é na última quarta-feira do mês de maio, porém, naquele ano, foi antecipada para o dia 11 de março, momento imediatamente anterior à interrupção das aulas. Assim, na divulgação desses resultados, se alerta que

A leitura das informações do Censo Escolar 2020 deve sempre ser realizada com cuidado, não sendo possível ainda observar o impacto da pandemia da Covid-19 nos dados educacionais coletados e, portanto, não é adequado interpretar eventuais alterações de estatísticas e indicadores aqui apresentados como sendo causadas pela pandemia. (Brasil, 2020, p.7)

Na presente pesquisa, nos interessa pensar essas estatísticas (do Censo Escolar de 2020) não como “causadas pela pandemia”, mas como possíveis condicionantes da experiência que se seguiu a março de 2020. Isto é, buscamos perceber como as escolas chegaram a esta data em relação à existência de dispositivos e uso das TICs. Em alguma medida, isso pode denotar maior ou menor probabilidade de alguma familiaridade dos estudantes e educadores com essas tecnologias.

Além dos resultados referentes a 2020, analisaremos também as informações do Censo da Educação Básica 2022, buscando compreender o panorama das escolas brasileiras, nesse caso, já observando possíveis impactos da pandemia de Covid-19. E aprofundaremos nossa análise através de uma pesquisa realizada entre os meses de fevereiro e março de 2022, chamada “Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil”. Esta pesquisa abordou estratégias utilizadas pelas escolas durante o ano letivo de 2021.

### Informações sobre o universo

Antes de abordarmos os assuntos relativos às TIC, faremos uma rápida explicação sobre o universo do Censo Escolar pois, como veremos à frente, isto nos auxiliará na melhor compreensão dos resultados sobre o tema. Considerando a edição os resultados de 2022, o Brasil contava com um total de 178.346 escolas de educação básica. Destas, aproximadamente dois terços eram municipais, seguidas pela rede privada, conforme gráfico a seguir.

Número de escolas por dependência administrativa - 2022

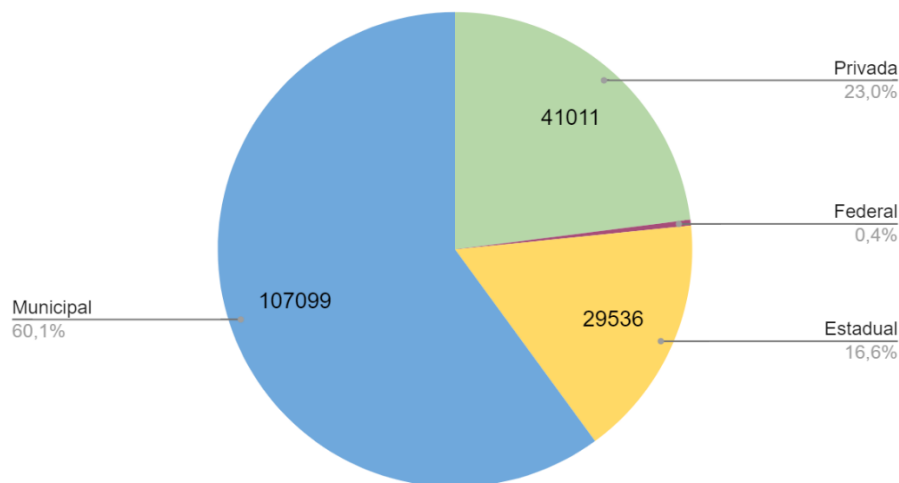
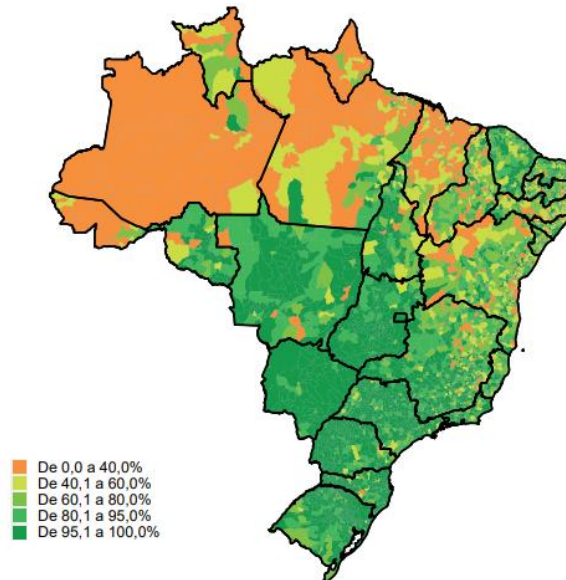


Figura 1 - Gráfico gerado pela autora com dados do Censo Escolar da Educação Básica 2022

Devemos ter em mente a grande preponderância de escolas municipais durante a nossa análise das informações das próximas etapas. Além disso, destacamos que 70,4% das escolas estão em áreas urbanas, enquanto 29,6% encontram-se em áreas rurais. Este também é um dado relevante pois pode ser um fator de maior dificuldade de conexão em alguns pontos do Brasil.

## Como as escolas chegaram à pandemia?

Um primeiro ponto que buscaremos compreender é sobre a existência de Internet na escola nesse momento. O mapa abaixo (retirado da publicação do Censo Escolar de 2020) mostra que essa situação era bastante desigual no contexto pré-pandêmico.

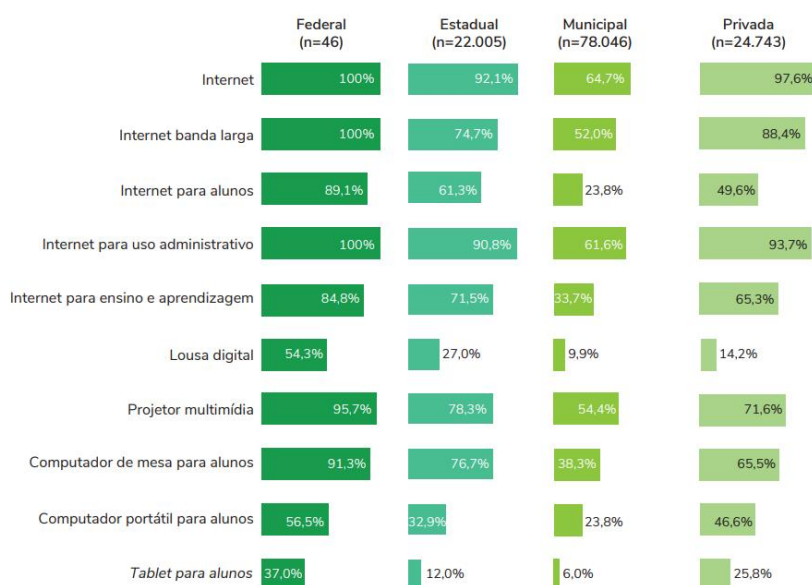


PERCENTUAL DE ESCOLAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM INTERNET,  
POR MUNICÍPIO – BRASIL – 2020

Fonte: Elaborada por Deed/Inep com base nos dados do Censo Escolar.

Nos estados do Norte, o percentual de escolas com disponibilidade de internet era bem abaixo que nas demais regiões, chegando a menos de 60% nos estados do Acre, Amazonas, Maranhão, Roraima, Pará e Amapá.

Como mencionamos anteriormente, a maior parte das escolas é da rede municipal. Esse é um dado relevante para analisarmos as informações a seguir:



RECURSOS TECNOLÓGICOS DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO A DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA – BRASIL – 2020

Fonte: Elaborado por Deed/Inep com base nos dados do Censo Escolar.

A rede municipal dispunha de menos recursos tecnológicos, por exemplo, computador de mesa (38,3%) ou portátil (23,8%) para os alunos e internet disponível para uso dos estudantes (23,8%). Levando-se em conta que essa é a rede com maior número de escolas, essa informação nos dá pista de que muitas escolas chegaram à pandemia sem que, no contexto anterior, houvesse uma familiaridade no uso das TICs no âmbito escolar.

PERCENTUAL DE ESCOLAS COM INTERNET POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO A REGIÃO – 2020

Região	Dependência Administrativa					
	Total	Pública	Federal	Estadual	Municipal	Privada
Total	79,6%	74,5%	99,9%	92,3%	69,4%	97,1%
Norte	47,5%	43,3%	100,0%	70,8%	36,5%	96,1%
Nordeste	67,7%	62,0%	99,6%	89,1%	57,9%	94,7%
Sudeste	93,4%	91,2%	100,0%	97,4%	88,8%	97,7%
Sul	96,8%	96,3%	100,0%	98,2%	95,4%	98,6%
Centro-Oeste	96,6%	95,8%	100,0%	97,8%	94,7%	98,9%

Fonte: Elaborada por Deed/Inep com base nos dados do Censo Escolar.

Figura 2 - Tabela retirada da publicação do Censo Escolar - Com destaques da autora



---

Finalmente, na tabela anterior, quando cruzamos os dois assuntos acima e analisamos a dependência administrativa juntamente à divisão por regiões, temos um cenário que evidencia os diferentes cenários escolares que haviam no Brasil no momento em que a pandemia de Covid-19 começou. Considerando a existência de internet como um dos fatores que demonstram alguma relação da escola com as TICs, temos, nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, em quase todas as redes, uma proporção acima de 95% de escolas com internet. Porém, devemos destacar que, mesmo nesse grupo, na região sudeste, mais de 11% das escolas municipais não tinham nenhuma forma de acesso à internet, seja para uso administrativo ou para aprendizagem.

Quando olhamos para as regiões Norte e Nordeste, esse dado se torna mais desigual. Especialmente na comparação entre as escolas públicas e privadas. Enquanto nas privadas, a quase totalidade das escolas tinha internet, na rede municipal da região Nordeste, mais de 40% das escolas não tinham e, na rede municipal da região norte, esse dado chega a mais de 64% das escolas sem internet.

### **Comparando os dois momentos**

Os anos de pandemia e isolamento trouxeram para as escolas a necessidade de se buscar soluções para a manutenção do ensino-aprendizagem e para a comunicação entre educadores, alunos e familiares. Muitas vezes, a internet mostrou-se como um fator de acesso a serviços e às informações, inclusive sobre saúde e direitos. No retorno às aulas, em muitos casos, houve a necessidade do período de ensino híbrido. Para que essa forma de ensino-aprendizagem fosse possível, foi fundamental a existência e o domínio de tecnologias de informação e comunicação.

Porém, estabelecendo uma comparação dos resultados relativos a 2020 com os resultados de 2022, podemos perceber a manutenção da desigualdade regional no que se refere à disponibilidade de internet. “Ao avaliar a disponibilidade de internet nas escolas da educação básica, percebe-se que esse recurso é pouco presente (proporção geral inferior a 60%) nos estados do Acre, Amazonas, Pará, Roraima e Amapá.” (BRASIL, 2022, p.12).

Com a maior quantidade de escolas do ensino fundamental, a rede municipal do país não teve expressivas melhorias para atender às necessidades do momento, seguindo como a que menos dispõe de recursos como lousa digital (11,3%), projetor multimídia



(55,9%), computador de mesa (39,4%) ou portátil (30,2%) para os alunos e internet disponível para uso dos estudantes (32,6%).

### Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19

No que diz respeito às estatísticas das escolas, finalizaremos nossa análise abordando as duas edições da pesquisa *Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil – Educação Básica*. Por limite de espaço, analisaremos apenas os resultados abaixo.



A observação desses dados, nos permite verificar que, durante o ano de 2020, em quase metade dos municípios do Brasil (2449), não houve aulas síncronas mediadas pela internet e com a possibilidade de interação direta entre os educadores e os estudantes.



No ano seguinte, percebemos uma melhoria nesse aspecto, porém, ainda se vê o predomínio de municípios onde não houve escolas que realizaram aulas síncronas mediadas pela internet e com possibilidade de interação.

## **2- SOBRE OS DOMICÍLIOS**

Se na pandemia as casas “viraram” escolas, também devemos olhar para os domicílios para compreender o ensino-aprendizagem nesse contexto. Buscamos mapear como eram as possibilidades de acesso às TIC nos lares durante o período de isolamento, analisando os resultados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, através da publicação *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*.

Analisaremos as informações do *Módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação* que foi investigado na *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua*, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Em nossa análise, trabalharemos com dados referentes a 2019 e 2021, já que esse módulo da pesquisa não foi realizado em 2020 em função da pandemia de Covid-19. Assim, para que possamos compreender a estrutura que os domicílios possuíam no momento do início da pandemia e durante o isolamento faremos comparações entre os resultados de 2019 e 2021. Essa publicação disponibiliza resultados sobre os domicílios e sobre os seus moradores.

Por exemplo, os resultados de 2021 apontaram que 90% dos domicílios tinham uso de internet nos domicílios, representando um aumento de 6% em relação a 2019. Segundo o IBGE (2022), “De 2019 para 2021, o percentual de domicílios em que a internet era utilizada passou de 88,1% para 92,3%, em área urbana, e aumentou de 57,8% para 74,7%, em área rural.”

A publicação também trouxe dados específicos sobre os estudantes (no caso dessa pesquisa, todos os estudantes com 10 anos ou mais, sem limite de idade). Observamos diferenças entre os estudantes da rede pública e da rede privada: “Enquanto 98,2% dos estudantes da rede privada utilizaram a internet em 2021, esse percentual entre os estudantes da rede pública de ensino foi de 87,0%.” (IBGE, 2022, p.8). Destacamos a

diferença de percentual dos estudantes que não usaram a internet no período pesquisado pois isso significou para essa parcela da população um impedimento, ou ao menos um obstáculo, para o acompanhamento do ensino remoto.

Além disso, tanto para alunos quanto para os educadores, devemos considerar as diferenças entre acompanhar ou realizar uma aula através de um computador, de um tablet ou de um celular. Nem metade dos domicílios dispunha de microcomputador. E, inclusive, foi observada uma queda nessa proporção de 2019 (41,4%) para 2021 (40,7%).

Durante esse período pandêmico, houve uma inversão no ranking dos equipamentos mais utilizados para acessar a internet, com um aumento do uso da televisão e a redução do uso do microcomputador e do tablet. O grande destaque como equipamento utilizado para acessar a internet, em ambos os anos, foi o celular.

Em 2021, na população de 10 anos ou mais de idade que utilizou a Internet, o meio de acesso indicado por maior número de pessoas foi, destacadamente, o telefone móvel celular (98,8%), seguido, em menor medida, pela televisão (45,1%), pelo microcomputador (41,9%) e pelo tablet (9,3%). (IBGE, 2022, p.9)

A pesquisa também fez um recorte específico para abordar pessoas com 10 anos ou mais na condição de estudante. Nesse caso,

Considerando a condição de estudante, observou-se um maior uso do microcomputador (51,7%), da televisão (49,4%) e do tablet (12,3%) para acessar a Internet entre estudantes em 2021. Esses percentuais para não estudantes ficaram em 39,2%, 43,9% e 8,4%, respectivamente. O telefone móvel celular era usado por quase a totalidade tanto de estudantes quanto de não estudantes (97,9% e 99,0%, nessa ordem) (IBGE, 2022, p.9)

Porém, esse grupo “estudante” não é homogêneo e, num olhar mais detalhado, percebem-se heterogeneidades sobre os equipamentos mais usados para acessar a internet. Ao separar as informações de estudantes da rede pública e da rede privada, apresentam-se diferenças significativas: 80,4% dos estudantes da rede privada usaram o computador para este acesso, mais que o dobro dos apenas 38,3% dos estudantes da rede pública. Quando se trata do uso de tablet, essa diferença é ainda maior, chega ao quase o triplo. No caso dos celulares, em ambos os grupos, ele foi o principal equipamento utilizado.

Para um olhar específico sobre esse grupo, seguiremos nossa análise abordando uma outra pesquisa, cujo universo é composto apenas por crianças e adolescentes.

---

### 3- SOBRE OS ESTUDANTES

Finalmente, analisaremos alguns resultados da pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). Essa pesquisa investiga o uso da Internet pela população de 9 a 17 anos no Brasil, através de entrevistas com crianças e adolescentes sobre o acesso e o uso que fazem da rede, além de seus pais ou responsáveis sobre a mediação para o uso da Internet por seus filhos ou tutelados. Nossa análise abará os resultados referentes a 2019 e 2021. Tal qual a pesquisa do IBGE, em 2021, a *TIC Kids Online Brasil* também não foi implementada em 2020 em função do contexto de distanciamento social.

Em relação ao público específico dessa pesquisa (pessoas de 9 a 17 anos), os resultados acompanham os anteriormente analisados, revelando disparidades de acesso e uso das TIC - o que pode ter acarretado em implicações nas oportunidades, informações e adaptações durante o período de isolamento social.

Em 2019, a pesquisa mostrou que 83% das crianças e adolescentes dessa faixa etária viviam em domicílios com acesso à Internet. Isto é, o cenário anterior à pandemia mostrava 17% das crianças sem acesso. Os resultados de 2021, mostraram uma melhora no dado que chegou a alcançar 91% dessas crianças.

Através dos dados de 2021, podemos observar a diferença desses resultados por classes. 100% das crianças e adolescentes de classe A viviam em lares com acesso à internet enquanto entre aqueles das classes DE, apenas 81% dispunham de acesso. Essa diferença também se deu entre aqueles que viviam em áreas urbanas (93%) e rurais (85%).

Embora o acesso à Internet tenha se ampliado entre 2019 e 2021, um dado que se manteve estável foi sobre a presença de computador. Na faixa etária da pesquisa, apenas 47% viviam em domicílios com computador. A pesquisa alerta para o fato de que 2,1 milhões de crianças e adolescentes (8%) viviam em domicílios sem computador e sem internet.

Analisando a diversidade de dispositivos (Celular, televisão, consoles de *videogame*), ressalta-se que “Crianças e adolescentes das áreas urbanas e de classes mais elevadas, em geral, vivem em domicílios com uma variedade maior de dispositivos” (CGI.br, 2022, p.62).

Finalmente, no que se refere às práticas *online*, a pesquisa destacou como principais atividades dessa faixa etária: 84% assistiam a vídeos, programas, vídeos ou

séries; 80% ouviam música, 79% enviavam mensagens instantâneas e 78% usavam redes sociais.

Entre os anos de 2019 e 2021, as atividades que mais cresceram foram o uso de redes sociais e a prática de jogar *online*. “De modo geral, usuários de Internet das classes AB têm condições de conectividade mais favoráveis e realizam uma variedade mais ampla de atividades, comparados àqueles das classes C e DE” (CGI.br, 2022, p.4).

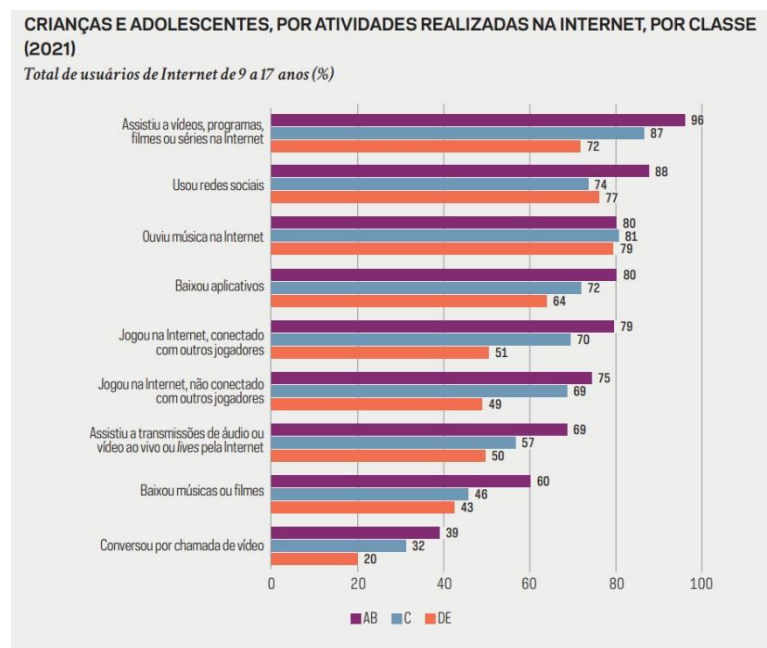


Figura 3 Gráfico retirado da publicação TIC Kids Online Brasil

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia alterou o cotidiano de todos, em toda parte, inclusive o nosso, como pesquisadores, educadores, muitas vezes, responsáveis por crianças ou adolescentes. Ninguém ficou de fora desse momento. Olhar um fenômeno tão de perto (espacial e temporalmente) traz em si desafios e é preciso ter atenção para não projetar para o todo o modo como cada um vivenciou essa experiência. Nesse sentido, abordar dados sobre o país, em sua diversidade, amplia nossa perspectiva para perceber que, embora tenhamos passado por uma crise sanitária de efeitos mundiais, ela não foi vivenciada por todos da mesma forma. E isso também é válido no que diz respeito ao ensino-aprendizagem durante esse momento.

As escolas passaram por um desafio comum a todos contando com estruturas e estratégias bem diferentes, no que diz respeito tanto à tecnologia disponível para alunos

e professores quanto às experiências anteriores com as TIC no espaço escolar. Essas desigualdades também estão refletidas nas informações sobre as condições dos domicílios e sobre as crianças e adolescentes. As pesquisas analisadas explicitam algumas desigualdades estruturais do Brasil e ampliam o conhecimento sobre as realidades educacionais desse período. Compreender algumas condições sobre esta estrutura pode enriquecer o debate sobre a educação e as mídias digitais na contemporaneidade.

Em relação ao acesso à internet, existem grandes desigualdades regionais no que diz respeito às escolas e aos domicílios. Essas desigualdades também podem ser verificadas em relação às redes. Grande parte das escolas são da Rede Municipal. É justamente essa rede a que apresentava a estrutura mais deficitária em relação às TIC. Também chama a atenção o fato de que grande parte dos municípios tiveram um baixo (ou muitas vezes nulo) percentual de escolas municipais que realizaram aulas ao vivo (síncronas) medidas pela internet e com possibilidade de interação direta entre alunos e o professor.

Ao analisar esse momento, é necessário também termos em conta que, pelas pesquisas, tanto para educadores quanto para estudantes, as aulas e demais experiências não ocorreram prioritariamente pelo computador. O acesso à internet mostrou-se muito mais frequente através do celular - o que gera uma experiência bastante diferente no uso dos recursos, na atitude corporal envolvida e nas demais atividades como leitura, acompanhamento de aula etc.

As três pesquisas analisadas trazem muitos outros resultados que, por limitação de espaço, não foram explorados aqui e merecem novos olhares. Esse trabalho não se esgota aqui. Além disso, sabemos que um olhar quantitativo não representa a única possibilidade de compreensão de um contexto, nem tampouco se pretende uma análise definitiva. Porém, para que possamos avançar em outras pesquisas e olhares sobre esse período, do ponto de vista da Comunicação e da Educação, propomos um panorama de informações que estão disponíveis em pesquisas quantitativas acerca do período e podem contextualizar novos olhares e outras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Barbosa; SACRAMENTO, Igor (Org.). **Vozes Consoantes: Comunicação e Cultura em Tempos de Pandemia**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2021.

---

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2020**. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf). Acesso em: 02 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf). Acesso em: 02 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2022**. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2022.pdf). Acesso em: 02 de fevereiro de 2023.

Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil**, ano 2020: Relatório metodológico. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211125083634/tic\\_kids\\_online\\_2020\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211125083634/tic_kids_online_2020_livro_eletronico.pdf). Acesso em: 14 de abril de 2023.

Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil**, ano 2021: Relatório metodológico. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120124/tic\\_kids\\_online\\_2021\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120124/tic_kids_online_2021_livro_eletronico.pdf). Acesso em: 14 de abril de 2023.

BUZONI, Douglas; CARNEIRO, Cláudia Lúcia; VILAS-BOAS, Magda Lúcia (Org.). **Educação na Pandemia: perspectivas sobre a realidade brasileira**. Curitiba. CRV. 2021

FIUZA, Patrícia; MARTINI, Rafael; SARTORI, Adelmilde (Org.). **Educomunicação em tempos de pandemia** (Livro eletrônico) São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, 2021.

Goldenberg, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004

IBGE. Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. 12 p. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf). Acesso em: 02 de fevereiro de 2023

REGIS, Fátima. **Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos**. In: *Contracampo*, Niterói, v 39, n. 2, p. 147-163, ago./nov. 2020.

REGIS, Fátima. **Cognição e Afeto na Comunicação: Conectando corpo, mente, meio e tecnologia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.